

O Sindicato:

“Uma instituição burguesa como outra qualquer”
e sua crise de representatividade



Franz Ícaro
Teresina, 2014

Uma breve introdução

Não é novidade que as táticas sindicais não somente estão enferrujadas, como também não dialogam com práticas que deveriam garantir a defesa e inclusão dos trabalhadores. A busca por novas formas de gerenciamento, assim como métodos que façam com que efetivamente os anseios dos sindicalizados sejam atendidos foram deixados de lado, por vezes sendo substituídos por uma tentativa grotesca de manutenção e perpetuação do poder dentro de determinada associação de amparo dos setores laborais. Por vezes, estas querelas são travadas por dispositivos que pleiteiam as eleições burguesas por meio do sufrágio universal, o que transforma o sindicato em uma guerrilha partidária.

Talvez, essa realidade possa ser encontrada em outros sindicatos no Brasil e fora dele, porém, o companheiro Franz Ícaro lança seu olhar sobre o Sindicato dos Servidores Municipais de Teresina, o SINDSERM, e com um misto de coloquialidade, termos teóricos e ironia, costura sua perspectiva acerca deste entrave dentro de seu sindicato, buscando suscitar o debate acerca da importância da retomada de um sindicalismo pautado nos interesses da base, buscando a ampliação desta, e que efetivamente seja autônomo, classista e combativo.

Alexandre Santos

O SINDICATO: uma instituição burguesa como outra qualquer e sua crise de representatividade.

"No momento em que eu ia partir, resolvi voltar".

O Homem - Raul Seixas, 1976.

Advertência

Este texto está em linguagem não sexista. Pode haver gente que não goste, mas a nós não nos dá trabalho fazê-lo assim. As terminações em "os" que se refiram a homens e mulheres mudam para "@s". Exemplo – amigos e amigas fica *amig@s*. As terminações em "es" mudam para "xs". Exemplo – trabalhadores e trabalhadoras muda para *trabalhadorxs*. Não ponha as mãos na cabeça porque se acostuma rapidamente a ler assim. Tudo para chamar a atenção para a igualdade. Diversxs linguistas nos contam que o que fazemos é uma aberração ortográfica. Como você verá, com todos os problemas da vida, o das aberrações não nos preocupa em nada.¹

Após a tão aclamada e odiada assembleia dos 316, que me levou a escrever a *Relatoria emocional*², acabei por dar uma pausa nas produções. Isso se deu tanto pelo desgosto que senti naquele fatídico dia 18 de dezembro, como também por motivos de ordem pessoal. Superado (eufemismo) o desgosto, a época do ano e outros fatores me conduziram a um momento de reflexão e de autocrítica, prática constante entre nós libertári@s, mas vilipendiada, esquecida ou abominada em outros meios. Retorno com uma análise talvez mais ácida, que certamente atingirá bem mais quem se encontra próximo a mim do que meus supostos inimigos políticos, isso justamente porque esses últimos, detentores de uma verdade revolucionária classista vermelha incontestada, e com um narcisismo histórico doentio, não se dão ao trabalho de analisar de forma séria e verdadeira as críticas que lhe são impostas. A prática é simples, se concordam com seu catecismo e o seguem sem questionar, são aliados, caso contrário, são inimigos e merecem ser combatidos. Um maniqueísmo medíocre que serve apenas para aumentar as disputas internas, dentro do sindicato e da categoria como um todo. Quem ganha com isso? Não pretendemos responder, antes de tudo, esse é um texto que pretende levantar questionamentos, temos plena ciência e confiança que @s leitorxs tem total capacidade de tirarem suas próprias conclusões e formularem suas respostas.

¹ Advertência copiada do trabalho *Anarcosindicalismo Básico* Organizado pela CNT-AIT Sevilha, 1994. Traduzido pelo Ateneu Diego Giménez COB-AIT Piracicaba, 2010. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/141917/CNT-AIT%20Sevilla%20anarcossindicalismo%20basico.pdf>>

² Relatoria emocional de uma assembleia do SINDSERM. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B1GjRriB2GoEbzh1UmNMMUZBNU0/edit?usp=sharing>>

A atuação do sindicato

Nesses pouco mais de três anos de funcionalismo público, posso afirmar sem medo de ser feliz que o sindicato pouco atuou ou influenciou meu dia a dia, principalmente no local de trabalho. Vejamos um caso curioso. Iniciei minhas atividades no ano de 2010, mas só vim a me filiar em 2012. Nas empresas privadas pelas quais havia passado, @ trabalhador@ já era sindicalizad@ no momento da contratação, cabia a estx se manifestar caso não desejasse se manter filiad@, e consequentemente, contribuindo. Como professor da PMT (Prefeitura Municipal de Teresina - PI), só me foi apresentada a tal ficha de filiação quando surgiu a necessidade de indicar "delegados" para o III CONSERM (Congresso dos Servidores Municipais), que precisavam ser filiados.

Não participei de nenhuma formação política promovida pela entidade, não me foi apresentada a estrutura, os membros, as linhas de trabalho os grupos de trabalho, as bases ideológicas, políticas, nada. Não me apresentaram o Estatuto da organização, nem a lei que rege o funcionalismo público municipal. Se aqui me for permitido o parênteses, a SEMEC (Secretaria Municipal de Educação) fez tudo isso ainda em 2010, marcou uma reunião com @s recém concursad@s, esmiuçou, segundo suas vontades e objetivos, quais eram nossos direitos e deveres, reforçou de forma maestra a questão da "instabilidade" durante o estágio probatório, deixou bem claro o poder que a avaliação do estágio tinha sobre nossa possível, ou não, efetivação; apresentaram a estrutura da secretaria de uma forma tão organizada que até nos comoveu, finalizando a reunião com uma música da Lecy Brandão que talvez alguém já imagine qual seja. O sindicato por sua vez, fez uma visita na minha escola em 2011, por conta da greve, na hora do recreio, vinte minutos. Não me convenceram de muita coisa.

Quando comecei a me dedicar a atuação sindical de base, e consequentemente lançar questões, a fim de realmente "aprender" e entender como as coisas funcionavam, obtive a priori, respostas que cheguei inclusive a defender como oportunas, felizmente, por um curto espaço de tempo. Foram muitas e não pretendo aqui me estender em cada uma, me deterei em duas que acredito serem as mais pertinentes, por servirem mais ou menos como um "norte" para o engajamento e participação efetiva da base nas lutas, pelo menos assim apregoam @s sindicalistas, são elas: a) @ **trabalhador@ deve IR ao sindicato**, deve participar das reuniões de diretoria para se inteirar das coisas, deve, como me disseram algumas vezes, IR até a sede para se "munir" de informações e

estratégias necessárias para as lutas, deve comparecer as assembleias, opinar, questionar, etc. e tal; b) **as greves são, PEDAGOGICAMENTE os locais mais propícios à formação política da classe trabalhadora**, portanto, torna-se imprescindível que durante as paralisações, se reforcem as atitudes e atos do item a.

A gestão que encontrei na direção do SINDSERM quando de meu ingresso na categoria, era intitulada "Base em Ação", nome bonito e que me chamava a agir, enquanto base. Como disse, nos primeiros momentos cheguei a defender os itens anteriores, colocando a culpa de certas coisas numa categoria desunida, descompromissada, omissa, medrosa, preguiçosa, entre outros adjetivos que, embora possam ser realmente lançados sobre parte da categoria, tornam-se injustos e ofensivos quando dirigidos à totalidade d@s servidorxs municipais de Teresina. E assim fui me metendo cada vez mais nesse verdadeiro *balai de gato* sindical.

@s Servidorxs municipais de Teresina

O que mais me levou a mudar de opinião, sobre as táticas de atuação do sindicato, foi além é claro de uma análise mais profunda desses procedimentos associada a um aprofundamento teórico, a observação da própria categoria, que tentarei transcrever resumidamente. Peço uma atenção especial ao fato de que irei me dirigir mais especificamente à classe docente, por alguns motivos, entre eles: é a classe a qual faço parte, logo, é uma realidade mais próxima da minha, portanto, mais fácil de ser percebida, não saberia, por exemplo, descrever a rotina dentro de um hospital do município; trata-se de cerca de 80% d@s sindicalizad@s, embora em comparação com o número total de servidorxs não atinja números tão expressivos, estando entre 20 ou 25% do mesmo; por fim, trata-se de um setor que possui um histórico de lutas e greves, praticamente todo ano tem greve da educação. Não entraremos nos méritos de categorias mais ou menos importantes ou impactantes para a sociedade em geral, da mesma forma que podemos estender as linhas gerais para outros setores representados pelo SINDSERM.

Não temos dados oficiais sobre esses e outros pontos, mas acreditamos não estar incorrendo em discrepâncias muito significativas ao analisarmos apenas de acordo com nossas observações e leituras. Assim tentarei caracterizar @s docentes da rede municipal de ensino Teresina.

Trata-se de uma categoria bastante heterogênea, talvez com uma predominância feminina principalmente no ensino infantil. Diferente de alguns anos atrás, a maioria hoje é composta de efetivos, mas ainda se encontram presentes @s "substitut@s" (concurados mas com contrato de trabalho de duração definida) e @s estagiári@s (acadêmic@s de diversos períodos e licenciaturas que, de forma ilegal³, assumem turmas se tornando titulares das mesmas). Dentre @s efetiv@s acredito que a média de tempo de serviço deva girar em torno dos 10 ou 15 anos. É raro encontrar professorxs que, como eu, possuem como único vínculo empregatício as 20h semanais da PMT, nesse reduzido grupo se encontram principalmente aqueles que são mais jovens em idade e tempo de serviço, são geralmente solteir@s e não "sustentam" famílias, visto que com um salário de vinte horas, seria impossível manter dignamente uma família de quatro pessoas. A maioria se desdobra em mil, atuando na educação pública municipal, estadual, não raro em outras cidades e outros estados principalmente no Maranhão; muit@s lecionam em escolas particulares para complementar a renda, outr@s tantos ministram aulas nos finais de semana, em faculdades do interior ou em projetos; comum também é que desse contingente, boa parte dedique muitas de suas "horas de folga" para se prepararem para concursos melhores. De forma quase caricata, @ docente de meia idade (biológica e funcional) é aquelx que trabalha os três turnos, ao passo que @s mais jovens, se não fazem o mesmo, é porque ainda não conseguiram os três turnos. Ou estão gastando suas energias tentando sair da condição de professor@ da rede municipal.

Inseridos nesse contexto esta uma sub (ou seria super?) classe, a d@s **gestores**. Faça esse destaque por notar que estxs profissionais se colocam num meio termo, ou num outro termo, seriam @s diretorxs e @s pedagog@s. Cheguei a presenciar uma professora que após assumir o cargo de diretora da escola, durante as reuniões passou a usar o termo "vocês" professorxs e não mais "nós". Este seletto grupo não se enxerga mais como servidorxs, ou como servidorxs da base, se identificando totalmente com as políticas e diretrizes impostas pela secretaria e se colocando, via de regra, contra os anseios e aspirações da "docentada", servindo muitas vezes de entrave e obstáculo a ser

³ @s estagiári@s deveriam atuar auxiliando e acompanhando um docente efetivo, afinal de contas, é para isso que deveria servir um estágio, para praticar e aprender mais, na prática mas com supervisão. Não é o que ocorre. Estxs, as vezes ainda no terceiro ou quarto período, assumem e se tornam titulares das turmas em que atuam. Constituem-se assim numa mão de obra extremamente barata, ganhando por hora-aula ministrada e sem nenhum benefício trabalhista. Além de não estarem habilitad@s ainda para exercer tal função.

superado. É claro que existem exceções, principalmente entre @s que foram eleit@s para ocupar o cargo, mas infelizmente constituem um grupo reduzidíssimo.

Vale lembrar que eu não inseri aqui, @s agentes de portaria, serviços gerais, administrativ@s, cozinheir@s e outr@s, que embora sejam indispensáveis para o bom funcionamento dos estabelecimentos de ensino, são deixados de lado também pela atuação do sindicato. Talvez por serem em sua maioria terceirizados (que significa não contribuir, e nem votar nas eleições), ou talvez por outros motivos. O certo é que diante do reconhecimento desse quadro, passei a rever meus conceitos e a imputar culpas a outros pontos, e meu bode expiatório tornou-se a influência dos partidos políticos dentro do SINDSERM.

A nefasta influência político partidária nas questões sindicais

Antes de começar descer o sarrafo nos partidos políticos, tentarei desenhar aqui algo óbvio, ou supostamente óbvio, diante da caracterização que fiz. Em que hora, pelo amor de qualquer coisa que você julgue importante, essa profissional vai ter tempo de IR para o sindicato, de se ENGAJAR, de estudar sobre as revoluções e os movimentos sociais e de classe ao longo dos tempos? QUE HORA?! Eu entendo e concordo plenamente que a *emancipação da classe trabalhadora deverá ser obra da própria classe trabalhadora*, mas é preciso ser realista, é preciso ter o pé no chão. Antes de acusar a classe de ser omissa, creio eu que o adjetivo que melhor se enquadraria seria, **cansada**. Trata-se de uma categoria que consome e exauri (bem como grande parte da classe trabalhadora em todo o país) suas energias no próprio labor, na falta de um ambiente de trabalho adequado, harmonioso e prazeroso; nas salas quentes e lotadas com alunos que se comportam como adversários e inimigos (sendo a recíproca muitas vezes verdadeira); nas jornadas extenuantes para garantir a sobrevivência. Dessa forma, é no mínimo desumano exigir de pessoas, que constantemente não tem tempo para dedicar nem a própria família ou ao lazer, que destinem parte de suas "folgas" a atuação nas lutas. É claro que esforços e sacrifícios são importantes e necessários, afinal estamos em guerra, mas vamos devagar com o andor que o santo é de barro. Onde seria o local mais apropriado para encontrar essa trabalhador@, no sindicato ou no local de trabalho? Que tempo essa pessoa estaria mais disposta a destinar a formação política, por exemplo, a folga ou o próprio horário de trabalho? Se as respostas que surgiram na

sua mente foram as primeiras, lhe convido a abandonar a leitura, se não, comecemos a descer o sarrafo nos benditos partidos políticos.

Todas as lideranças sindicais falam em "fortalecer a base", fortalecer a atuação da base, mas sempre se apoiando nas táticas que descrevi anteriormente: IR ao sindicato e PARTICIPAR das greves. Isso não é feito a revelia de um propósito, não se enganem, essas análises que hoje faço soariam como infantis diante de alguns iniciados nas artes da luta de classe. Não foi a toa que traçaram esse tipo de estratégia, tudo tem um propósito, que a despeito do que me diziam lá em 2012, ao me convidarem para participar de reuniões de um determinado partido, pretendo "desmascarar" usando tão somente minhas "especulações". Nunca é demais reforçar que, não se trata de expor uma verdade absoluta, não sou nenhum messias nem redentor, muito menos um intelectual bastante experimentado nesses assuntos, pelo contrário, faço parte e represento a base, com suas dúvidas, suas contradições, seus medos, angústias e anseios. As críticas e questões que exporei aqui visam tão somente, com já foi dito, criticar práticas já estabelecidas, fomentar novas questões, novas análises e oxalá, novas atitudes rumo a um fortalecimento efetivo da luta de classe na e pela base.

Por que não são realizadas reuniões de formação periódicas pelo sindicato? Não falo aqui nem de formação política, nos sentidos mais estreitos da mesma, me refiro por exemplo ao estudo do Estatuto do Servidor Municipal, algo como uma contra proposta ao que foi feito pela SEMEC. Se essa se preocupou em nos apresentar enfaticamente nossos **deveres** e possíveis punições, ao sindicato caberia pelo menos nos "munir" de informações sobre nossos **direitos** legais já adquiridos. Isso evitaria ou ao menos reduziria, casos como a pressão que foi dada aqueles que se encontravam em estágio probatório durante as greves⁴. Porque não fazem isso então? Responderão mais ou menos com os motivos que citei na caracterização da classe, a falta de tempo d@s trabalhadorxs, ao passo que reforçariam a tese da greve como local pedagógico de aprendizado. Bah, tudo balela. Sobre uma formação política propriamente dita, responderiam ainda na mesma linha de pensamento, argumentando também que as pessoas não "gostam" de discutir política. Bah, de novo. Não é por nada disso. E com relação a inverter o fluxo, ao invés de solicitar (ou seria melhor dizer, exigir?) que a pessoa vá ao sindicato, porque não levar o sindicato até os locais de trabalho?

⁴ Durante as greves, a secretaria usando como arautos @s diretorxs das escolas, faziam um terrorismo psicológico, propagandeando que quem estava no estágio probatório não poderia aderir ao movimento paredista, que caso o fizesse seria penalizado na avaliação do estágio, entre outras ameaças.

Responderão que faltam pernas e braços, que a diretoria não tem gente suficiente para tal empreitada, além de carecer também dos recursos materiais diversos. Bah, bah e de novo BAH! Não fazem nada disso porque não lhes interessa fazer nada disso. Não serve a "causa" ou a "tática" e, sem mais rodeios, não interessa aos partidos. Atitudes como essas, seriam fomentadoras do ideal de **autogestão**, fortalecer a base é o mesmo que enfraquecer a atuação da direção, ou diluir a atuação desta, tirar da evidência e do destaque. Quanto mais **autonomia** tiver a categoria, menor será a necessidade de uma "**direção**" forte e vitoriosa, menos espaço haverá para o surgimento das "vanguardas". Uma mudança de atuação nesse sentido iria promover uma transformação da democracia representativa (como ocorre hoje, e que sustenta e financia os partidos e os sindicatos) para uma **democracia participativa**. O sindicato, visto como *uma instituição burguesa como outra qualquer*⁵, se apoia na burocracia e na representatividade, nunca na autogestão e na participação ativa das massas. Este layout burguês é típico dos partidos políticos, que são por natureza, representativos, centralistas e direcionistas, independente da cor das bandeiras ou das letras nas siglas. São os partidos que ditam essas diretrizes para a atuação sindical nessas bases. Mas como eles fazem isso, como implementam essas políticas e táticas? Sem apresentar uma resposta correta e definitiva, visto que não existe apenas uma, traremos alguns exemplos onde infeliz ou felizmente, precisaremos atacar de forma quase pessoal algumas agremiações políticas que hoje se encontram consolidadas dentro do SINDSERM.

Dando nome as vacas, ou seria milho aos pombos?

Antes de iniciarmos os ataques a ingerência dos partidos políticos dentro dos sindicatos, seria interessante alguns questionamentos que, embora básicos, podem talvez passar despercebidos devido a "naturalidade" com que já se apresentam em nossa sociedade. Pra começar, o que diabos esses partidos políticos foram fazer dentro dos sindicatos? Porque raios eles estão lá e porque brigam tanto para se manterem na direção? E por fim, como exatamente eles atrapalham o desenrolar das coisas?

⁵ Essa frase, que serve de título para esse texto, foi proferida pelo atual presidente do SINDSERM quando participava de um debate numa rede social com alguns anarquistas. Ele tentava explicar que o sindicato, por ser regulado pela justiça burguesa, e por existir num sistema capitalista, era por conseguinte, uma instituição burguesa como outra qualquer, ou seja, burocrática, hierárquica, centralista e direcionista.

Longe de tentar fazer aqui um resumo histórico do sindicato e dos partidos operários, visto que essa historiografia já é abundante na literatura, nos ateremos a algo mais didático (pelo menos assim entendemos). Os sindicatos surgiram da livre associação de trabalhadorxs, em tempos, formatos e orientações os mais diversos, mas que convergiam basicamente nas questões de auxiliar @s associad@s e lutar contra a exploração, enfim, era uma estrutura de luta de classe. Conforme as concessões políticas eram conquistadas (liberalistas, progressistas, reformistas), cresciam as expectativas de melhorias através desse campo, o da política. Daí para o surgimento ou consolidação dos partidos operários foi um pulo. A proposta era tentadora, seduziu muitas correntes de pensamento. Tratar-se-ia de um ataque em duas frentes, @s trabalhadorxs organizados em sindicatos atuariam na ação direta (greves, boicotes, luta armada, etc.) ao passo que votariam em representantes saídos das fileiras operárias, para que pudessem levar seus anseios e necessidades até os poderes estatais, a fim de conseguir vitórias nesse campo também. Não nos interessa aqui discutir as minúcias que complementam esse plano, deixemos os ismos (marxismo, leninismo, trotskismo, morenismo, e mais) para outra hora. Foquemos no plano em si, era tentador! Lutar e vencer, nas ruas e nas urnas! Trata-se de algo tão poeticamente belo, que quase cem anos depois da suposta Revolução Russa, ainda é o mote de doutrinação ideológica dos atuais "partidos de esquerda".

Essa ideia foi tão bem pintada, que, infelizmente, até mesmo nós anarquistas chegamos a acreditar nela em alguns momentos da história, que o digam o velho Kropotkin na Rússia que esteve do lado dos bolcheviques durante a revolução mas que ainda em vida, viu o exército vermelho prender e assassinar bravos camaradas libertários; Makhno que na Ucrânia teve de se defender dos exércitos branco e vermelho; o jovem Canellas um dos fundadores do PCB aqui no Brasil de 1920; Ascaso na Espanha da guerra civil, entre outr@s. Se tudo isso não passa de nomes estranhos e passados longínquos, voltemos para terras tupiniquins, que é o que nos interessa (pelo menos enquanto o espírito do internacionalismo não é uma constante entre nós).

Recentemente, tivemos aqui no Brasil fatos históricos que serviram para acabar com toda e qualquer dúvida quanto a eficácia dessa estratégia de batalha contra o capital, e pela emancipação da classe trabalhadora (jargões ainda hoje bastante em voga durante as campanhas políticas). Vimos o surgimento de um sindicato forte como o dos metalúrgicos do ABC paulista; a organização de uma gigantesca central sindical, combativa e de luta, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e no bojo, um Partido

dos Trabalhadores, cuja figura messiânica e redentora foi meticulosamente escolhida e preparada. E não foi um trabalho fácil, foi não, mas eis que enfim, depois de tanto sangue suor e lágrimas daqueles que trabalham, o PT assume o cargo máximo da nação, chegando a presidência da república no início dos anos 2000.

Doze anos depois as coisas continuam na mesma. O capital continua aí, o Estado opressor também, as desigualdades sociais continuam, a exploração e a violência só aumentam, e as necessidades básicas da população como saúde, educação, emprego, moradia e segurança, continuam sendo o repertório das campanhas políticas a cada dois anos. Durante o governo petista, que deveria ser um governo dos trabalhadores, o que vimos foi mais do mesmo, com uma reforminha aqui e outra acolá, uma maquiagem aqui e ali, um assistencialismo degenerado, e a continuidade das classes. Problema, é que a maioria das lideranças sindicais, por inveja, ciúme, ignorância, ingenuidade e/ou muito mau caráter, continuam apostando na mesma técnica. Afirmam elxs que, o erro foi a pessoa/partido que assumiu o cargo, que quando forem elxs a estarem no poder, farão as coisas diferente. Que esses outros se venderam ou foram corrompidos e que elxs fariam/farão de maneira diferente e finalmente "conduziriam" a revolução social. E o pior é que tem gente que ainda acredita mesmo que isso é possível. Mesmo com todos esses exemplos bem diante das fuças.

Aí é onde entra o sindicato, que fornece, entre outras coisas: financiamento, propaganda e votos. Falei superficialmente sobre isso no Resumo didático recreativo⁶. O fato é que, pequenos partidos políticos como o PSTU, PSOL e PCO que hoje compõe a direção do SINDSERM, sobrevivem quase que exclusivamente da atuação dentro dos sindicatos. Por isso é tão importante que se mantenham na direção desses aparelhos, somente centralizando e burocratizando as coisas dentro do sindicato é que se torna possível o surgimento de lideranças, essas lideranças então se lançam as eleições, e por aí vai. Vamos tentar entender a coisa na prática.

Tomemos o exemplo do estudo e divulgação do estatuto d@ servidor@ municipal, mas especificamente o caso que foi citado da participação das pessoas em estágio probatório na greve. Se de antemão, toda essa parte da categoria estivesse ciente e consciente de que era amparado pela lei para participar de movimentos grevistas, não surgiria a redentora figura do Doutor Advogado e da excelente assessoria jurídica, garantindo a tod@s que, após estudar minuciosamente os códigos e as leis, garantem

⁶ Resumo didático recreativo sobre o processo eleitoral que está rolando no SINDSERM. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B1GjRriB2GoEM3hoNW5uQUEzOFk/edit?usp=sharing>>

que não precisam se preocupar, pois ele está ali para defender de qualquer ataque nesse sentido. Viram que bonitinho. Ao invés de munir @ trabalhador@ para que responda a altura já no local de trabalho, onde a investida geralmente acontece por parte da pessoa que ocupa a direção, sonegam certas informações para que essa mesm@ sujeit@ se dirija desesperadamente até o sindicato buscando por ajuda. No momento oportuno é claro que divulgarão a informação, como uma salvação ou como uma resposta aos apelos da classe. A mesma lógica do Estado, criar uma necessidade para depois apresentar uma solução. Não lhes interessa que aqueles em estágio probatório conseguissem se defender por si sós, mas sim que depositassem suas confianças na direção vitoriosa, atuante e *de luta* como se auto intitulam.

Podemos continuar na assessoria jurídica? Pois vamos lá. Reza a lenda, que antes de 2010 havia apenas um advogado no SINDSERM, ou um escritório. Quando da eleição da gestão atual, houve uma disputa por essa assessoria. A querela foi resolvida de forma diplomática, aumentaram a verba para a assessoria, que passou a contar com dois advogados, ou escritórios. Melhor para a categoria não? Poderia até ser, mas a lenda é mais sinistra, dizem os antigos e entendidos que, do salário que é pago para os advogados, uma parte vai para os cofres do partido ao qual é filiado. Se a lenda for verdadeira, trata-se de uma forma descarada de desvio do dinheiro do sindicato, que vem dos descontos efetuados nos já magros contracheques da categoria, para as campanhas partidárias. E os contratos com as gráficas, restaurantes; e os demais "funcionários" do sindicato? Eita nós, e lá se vai indo dinheiro da contribuição sindical.

Outros problemas práticos? Tenho alguns aqui na manga, que poderia sintetizar **no desvio de verbas, tempo, pessoas e energias para as obras dos partidos**. De que forma? Lembram das tais formações políticas, que a instituição não realiza, pois bem, elas não acontecem da forma que entendemos que deveriam ser, com debates abertos e estudos que sirvam como armas e ferramentas para a luta. Eles ocorrem como formações partidárias. Eu particularmente, recebi vários convites para participar da "Sexta socialista" promovida pelo PSTU e realizada na sede desse partido, ou para eventos vinculados ao PSOL ou ainda para me informar comprando revistas e jornais do PCO. Interessante que o sindicato não tenha uma publicação periódica sequer.

Coletivos alternativos, de gênero, de raça e etnia, ou outros, são criados já vinculados aos partidos, e assim, um coletivo de mulheres, por exemplo, que deveria se ocupar das mulheres de modo geral, desviam seu foco para expor de forma dogmática como o partido apoia a causa, e como é importante eleger alguém daquela linha. Existe

uma secretaria da mulher trabalhadora no sindicato, mas até agora não vi nenhuma ação efetiva ou orgânica por parte desta. A secretaria de imprensa se preocupa em divulgar, a atuação do partido e dos militantes do partido, além da propaganda compulsória dos trabalhos de um certo cartunista que, por coincidência, é diretor dessa secretaria e membro do PSTU. Se não bastassem todas essas coisas dissimuladas, ainda metem a mão de forma descarada, ao filiar o sindicato a uma central, no caso a CSP-Conlutas, que pra quem não sabe, recebe mensalmente algo em torno de cinco mil reais. De modo geral, essas pessoas estão muito mais comprometidas com as agendas dos partidos que com a categoria que supostamente representam. Pois é. E os danos não param por aí.

A presença marcante dos partidos e suas bandeiras causam duas reações extremamente nocivas para a base. Por um lado, afasta uma grande parcela de servidorxs: aquelxs que não concordam com a politicagem partidária influenciando na sindical, que associam toda a corrupção e picaretagem dos políticos profissionais, aos partidários de dentro do sindicato, e @s que simplesmente não se identificam com aqueles determinados partidos. Por outro, reforçam naquelxs mais propícios a isso, a acomodação na delegação de poderes. Não é raro ver colegas de trabalho perguntando "*O que o sindicato fará por nós em relação a isso?*" ou então, e pra mim é ainda pior, dizem assim "*Todo mês eu pago pra que lutem por mim, e resolvam nossos problemas. Eu pago por isso mereço que lutem por melhorias pra mim!*". A representatividade vai a cada dia que passa, minando as forças da base e fazendo-as cada vez mais dependentes de representantes. Faça por mim no sindicato, faça por mim na câmara, faça por mim no planalto. E se não fazem, me limito a me frustrar e votar novamente, só que agora em outro representante. Ou então ameaço me desfiliar.

Se tudo isso não serve ainda de motivo para querer os partidos bem longe da "direção" sindicato, adicione as rixas internas provenientes das diferentes siglas. Quem adentra a sede do SINDSERM atualmente, percebe um clima de tensão, grupinhos e mais grupinhos que se dividem, demarcando territórios, ocupando salas, enfim. Não há um clima de camaradagem nem de companheirismo. O sindicato é um local onde você precisa escolher lados, caso tente se manter neutro, terá a oportunidade de ver cada lado difamando o outro, acusando, apontando falhas. Isso vai fazendo com que surjam as dúvidas, do tipo, tem alguém realmente lutando pela classe, ou lutam apenas por seus interesses próprios (leia-se aqui, interesses dos partidos). Esse tipo de coisa não agrega, pelo contrário, serve apenas para afastar mais ainda a categoria das lutas. Além de tirar o foco e reduzir as forças, já que muitas vezes a direção se divide por serem inimigos

políticos. Um grupo resolve tomar uma atitude, que poderia até ser benéfica para a categoria, mas o outro grupo tenta atrapalhar, pra que aqueles não consigam notoriedade e de repente conquistem mais votos na eleição seguinte. Isso é uma constante em nosso sindicato. Pra essa guerrinha interna, são utilizados os meios mais vis imagináveis, chegando em alguns casos até a violência, não sendo dispensadas as intrigas, calúnias, boatos, mentiras, fraudes, boicotes e ôtras cositas mas.

A tão ovacionada democracia operária, na realidade não passa de discursos e palavras vazias. A tal lendária assembleia dos 316, tida como "lotada" não representa nem dez por cento d@s filiad@s, caindo pra coisa em torno de 1,5% do quadro geral de servidorxs, ou seja, anda é longe de "representar" as decisões da categoria. As assembleias contam com 200, 300, 500 pessoas, ao passo que somos cerca de VINTE MIL servidorxs. E a essas lideranças parece que esta tudo bem do jeito que está. Não há o interesse de trazer a classe para as lutas, e trabalhar para a emancipação. Não há nada disso, o que pretendem é tão somente agregar mais militantes para as fileiras dos partidos, conseguir mais alguns segundos na campanha eleitoral e quem sabe, mais uma meia dúzia de votos nas urnas.

Considerações finais

Gostaria de registrar que meu posicionamento é contra a presença orgânica dos partidos políticos na direção do sindicato, e não contra a presença de pessoas filiadas a partidos na base e nas lutas. É preciso fazer a diferença. Se você acredita realmente que seu partido e suas lideranças conseguiriam fazer algo de positivo ao serem eleitos, tudo bem, vote. Se acredita que a campanha política visa antes de eleger um ou outra, promover o debate sobre esse assunto ou aquele, num ou noutro espaço, beleza, seja candidato ou cabo eleitoral. Se definitivamente crê numa revolução social e/ou econômica amparada em teorias marxistas-leninistas-trotskyistas-satalinistas-maoistas-fidelistas-caraideasistas, vá lá, faça sua militância, estude *O Capital* e afins, mas faça isso nos espaços do seu partido, porque lá, tod@s estariam dispostos a colaborar com você. No sindicato não! E nem adianta vir apelar pra liberdade de expressão, pra democracia e outras coisas do tipo. Nada justifica uma servidora chegar para assistir uma assembleia e ver estampada uma bandeira de um partido, que ela não apoia, e que não a representa. Nada justifica ter um retrato no sindicato, de alguém que é amado e idolatrado por uma parte da diretoria. É inadmissível que as ideologias dos partidos e

dos partidários sejam impostas ao sindicato. Esse tipo de dogmatismo e de doutrinação forçado é que repudiamos com toda veemência.

Se for pra levantar uma bandeira, que seja a bandeira da categoria, uma bandeira unificada, que responda aos anseios e necessidades da própria categoria.

É mais do que hora d@s trabalhadorxs darem um basta nisso tudo e retomarem a instituição em suas mãos, ou se for o caso, até mesmo destruí-la para que sobre seus escombros, manchados, viciados e apodrecidos de tanta burocracia, tanta baixaria, tanta corrupção e picuinhas, se crie uma nova organização sindical. Essa nova poderá ser pautada na horizontalidade da tomada de decisões, na organização em redes, na autonomia em relação a partidos e outras instituições, e acima de tudo, na ação direta, no fortalecimento efetivo da base. Mas que isso não seja imposto. Não nos atrevemos a desenhar como deveria funcionar esse novo sindicato, isso seria dirigir, coisa que não pretendemos. Não nos agrada a ideia de liderar a classe, queremos é estar lado a lado, queremos que o sindicato esteja em cada local de trabalho, e que cada e tod@ servidor@ municipal se torne representante e direção sindical de si mesm@, para que assim unindo as diferenças e especificidades, possamos nos fortalecer. E que as lutas não se reduzam apenas a buscar melhorias imediatas, ou servirem de manobras e trampolins políticos, mas que se pautem no fortalecimento da combatividade classista, na autonomia da categoria, e na construção de sociedade mais fraterna, justa e LIVRE!

Teresina, fevereiro de 2014

Franz Ícaro de Sá Silva
(franzicarobio@hotmail.com)

Referências

CARVALHO, Florentino de. **Anarquismo e Socialismo**. Org. Rogério Nascimento. Imprensa Marginal. 2012. São Paulo.

FILHO, José Cândido. **O movimento operário: o sindicato, o partido**. Ed. Vozes. 1982. Petrópolis.

GENNARI, Emilio. **CHIAPAS: as comunidades Zapatistas reescrevem a história**. Ed. Achiamé. 2002. Rio de Janeiro.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1ª edição. Ed. Expressão Popular. 2008. São Paulo.

RODRIGUES, Edgar. **ABC do sindicalismo revolucionário**. 2ª edição. Ed. Achiamé. 2004. Rio de Janeiro.